

Briga agora é maior no segundo lugar

A. C. SCARTEZINI

Ao perder 10 por cento dos seus votos nas pesquisas do Ibope nas últimas quatro semanas, o candidato Fernando Collor (PRN) acirrou a disputa pelo segundo lugar entre os concorrentes mais próximos, Leonel Brizola (PDT) e Mário Covas (PSDB). "Sem dúvida, as condições de disputa estão se tornando mais iguais", animou-se o senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP).

Nas mesmas quatro semanas em que o Ibope detectou a queda de Collor de 43 para 39 por cento, encontrou o avanço de Brizola de 11 a 13 e de Covas de três a cinco por cento. "Ambos avançaram dois pontos, mas é preciso notar que Covas quase dobrou seus votos nesse período", observa o professor Fernando Henrique certo de que a progressão entre os dois candidatos abre mais terreno a Covas para futuros crescimentos do que a Brizola, inclusive porque o segundo já estava com 15 por cento nas contas de maio do mesmo Ibope.

A progressão mais recente de Covas seria a consequência de duas coisas, pelo menos: o discurso com que apresentou uma guinada conservadora na economia há duas semanas no Senado; e a atenção mais generosa que passou a receber na mídia eletrônica da **Globo**. Com esse apoio, provocou incômodos na equipe de Collor, como se

revelou no final de semana na mineira Diamantina, criando no grupo o receio de perder a vaga no segundo turno para Covas.

A Jogada, no entanto, conforme seu engenho com a participação do empresário Roberto Marinho e sua **Rede Globo**, é para colocar ao lado de Collor no segundo turno outra opção mais confiável do que Brizola, como é o caso de Covas — que entraria na última rodada eleitoral como a opção à esquerda, numa alternativa menos radical e imprevisível do que o brizolismo.

Sentiu Brizola a jogada e notou no Ibope a sua realização parcial. Agora deve reagir com uma metralhadora giratória na direção de Covas e Collor para manter aberto o seu caminho rumo ao segundo turno. Como os dois concorrentes também fazem campanha de oposição ao governo Sarney, Brizola pode economizar a cota de municações contra o Planalto para aproveitá-la nos outros dois alvos.

Outro que entra atirando no novo quadro de disputa é Paulo Maluf (PDS), que no último domingo, em entrevista ao **Estado de S. Paulo**, considerou-se o mais legítimo dos opositoristas de Sarney, não só por que não votou nele como vice de Tancredo — como aconteceu com deputados do PT — mas até disputou com ele a indicação no Colégio Eleitoral de janeiro de 1985.

Além disso, Maluf sapeca na en-

trevista mais duas coisas: recebeu e não aceitou propostas de três ministros do então governo do general Figueiredo com o convite para desistir da eleição indireta, o que abriria caminho para um golpe de mão ou uma candidatura militar contra Tancredo-Sarney; e deflagrou o processo de abertura política no regime militar em 1987 ao disputar — e conquistar — o governo de São Paulo, pela Arena, contra o favorito dos dirigentes militares, Laudo Natel.

Ao empatar com Ulysses e seu poderoso PMDB nas pesquisas conhecidas no último final de semana, Maluf e seu inexpressivo PDS ganham ainda fôlego para se aproximar mais dos nomes que estão no topo, valorizar seu cacife na negociação de apoios ao segundo turno e consolidar-se na disputa pelo governo de São Paulo no próximo ano.

Nessa animação em torno de alguns candidatos, fica subjacente a herança dos votos que Collor ainda pode perder nas próximas rodadas de consulta popular sobre a sucessão. Parece claro que Covas pode herdar votos perdidos por Collor mas não se deve incluir Maluf, Brizola e Ulysses na relação de herdeiros com o mesmo poder.

Contra os três, pesa a força da rejeição entre os eleitores.